

Andes e Amazônia: história e arqueologia Inca no baixo Rio Madre de Dios

Cristiana Bertazoni Martins*

MARTINS, C.B. Andes e Amazônia: história e arqueologia Inca no baixo Rio Madre de Dios. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 19:273-283, 2009.

Resumo: Através de análises históricas e arqueológicas, este artigo pretende observar a natureza do domínio incaico na região do baixo rio Madre de Dios. Se por um lado, evidências arqueológicas indicam que a presença do Tahuantinsuyu nessa área específica foi bastante limitada, evidências de caráter histórico sugerem que os Incas conseguiram estabelecer relações importantes com as etnias assentadas na região, entretanto de forma indireta.

Palavras-chave: Incas – Amazônia Ocidental – Rio Madre de Dios.

Introdução

Muitos séculos antes de Manco Capac e do desenvolvimento, expansão e consolidação do Tahuantinsuyu na área andina, as culturas estabelecidas nas terras altas já mantinham intenso contato com uma grande variedade de grupos étnicos que habitavam as terras baixas (Lathrap 1963 e 1970). Desde a época de Chavín – uma das civilizações mais antigas da América do Sul – passando por Recuay até Tiahuanaco, a presença de influências amazônicas nas terras altas (e vice versa) pode ser evidenciada em diversas esferas (Tello 1960; Burger 1992).¹ Mais tarde, com

a chegada dos Incas à região andina, a grande diversidade geográfica e étnica da Amazônia ocidental foi agrupada debaixo de dois termos generalizadores: Antisuyu,² para se referir às extensas áreas amazônicas a leste de Cuzco, e Antis, para se referir aos seus habitantes (por exemplo, os Ashaninka, Machiguenga, Piro, Conibo, Cashinahua, Amuesha entre muitos outros).

Geograficamente, o Antisuyu é compreendido na literatura a respeito como a parte amazônica do Tahuantinsuyu.³ Porém, dada a vasta

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia. Pós-doutorado em Arqueologia. Bolsa FAPESP. <cristiana@ambjorn.com >

(1) Em geral assume-se que sempre houve uma divisão cultural significativa entre terras altas e baixas. Entretanto, dada a escassez de evidências que remetem a tempos muito remotos, não há informações se as duas áreas em questão faziam parte de um contínuo ou se realmente constituíam duas áreas culturais distintas. De qualquer forma, é de fundamental importância que não sejam feitas projeções sobre tempos incaicos ou coloniais ao passado indígena mais remoto da América do Sul.

(2) Para uma discussão detalhada a respeito, ver Bertazoni 2007: 19. Guaman Poma de Ayala sugere que os Incas distinguiam entre os Antis que habitavam a região amazônica mais próxima de Cuzco (provavelmente a parte que o império conseguiu dominar) e os grupos que estavam estabelecidos mais a leste do Tahuantinsuyu e possivelmente correspondente a área que os Incas tiveram bem mais dificuldade em conquistar (ver Guaman Poma de Ayala 1613: 913).

(3) Na língua quechua Tahuantinsuyu significa império ou confederação dos quatro suyus ou partes. Assim, Tahuantinsuyu era composto do Chinchaysuyu, Antisuyu, Collasuyu e Condesuyu. Inicialmente, os limites geográficos do império Inca localizavam-se mais próximos às

extensão desta área de floresta, geralmente os autores divergem sobre sua localização precisa. Já o termo Antis refere-se a uma diferenciação cultural incaica para designar os grupos estabelecidos nas áreas de floresta ao norte, nordeste e sudeste de Cuzco. Os termos *ch'unchus* (grupos ao sul de Cuzco, em direção ao Collasuyu ou atual Bolívia) e Yungas também são usados nos textos dos séculos XVI e XVII como sinônimos de Antis ou dos povos considerados pelos Incas como *selvagens* e que habitavam as terras baixas.

Quando o décimo imperador Inca, Tupac Inca Yupanqui, assumiu o poder incaico em 1472, extensas áreas do Chinchaysuyu, Collasuyu e Condesuyu já haviam sido incorporadas ao Tahuantinsuyu. Entretanto, o Antisuyu encontrava-se majoritariamente livre de tal domínio. Após ter conquistado, juntamente com seu pai, Inca Pachacuti, vastas extensões territoriais no atual Equador, Tupac Inca Yupanqui se dedicou à conquista do Antisuyu (Cieza de León 1553; Capac Ayllu 1569; Sarmiento 1572; Betanzos 1576; Garcilaso 1609; Pachacuti 1611; Guaman Poma 1613). Porém, ao contrário dos demais suyus do império, o Antisuyu se mostrou uma região relativamente mais difícil de submeter. Apesar das dificuldades, Tupac Inca Yupanqui (juntamente com os chefes incaicos Otorongo Achachi, Capac Uari e Apo Quibacta) conseguiu estabelecer relações com grupos étnicos localizados em áreas bastante longínquas do centro imperial, a aproximadamente 200 léguas (1.000 quilômetros) de Cuzco, próximas à confluência dos rios Madre de Dios e Beni,⁴

imediações de Cuzco. Entretanto, com o desenvolvimento e posterior expansão do império, os Incas conseguiram empurrar essas fronteiras mais adiante. No caso específico do Antisuyu, inicialmente compreendia as áreas imediatamente ao norte de Cuzco. Porém, paulatinamente e após expedições incaicas de conquista, essas fronteiras passaram a se localizar cada vez mais distante da capital.

(4) O rio Madre de Dios nasce no Peru, ao norte de Cuzco e depois de cerca de 1.000 quilômetros junta-se ao rio Beni já em território boliviano. Tanto o rio Madre de Dios como o rio Beni são tributários do rio Madeira que por sua vez atravessa parte do território brasileiro até desaguar no rio Amazonas.

perto da atual fronteira entre Bolívia e Brasil (Capac Ayllu 1569; Maldonado 1570; Sarmiento 1572; Garcilaso 1609).

Apesar de evidências de caráter histórico sugerirem que os Incas conseguiram estabelecer relações importantes com etnias situadas no Antisuyu, evidências arqueológicas indicam um cenário diferente, ou seja, que a presença do Tahuantinsuyu nessa área específica foi bastante limitada. Através da análise desses dois tipos de fontes – históricas e arqueológicas – este artigo pretende observar a natureza das relações incaicas estabelecidas com as etnias localizadas na região do baixo rio Madre de Dios até a área de confluência com o baixo rio Beni.

Ao oriente de Cuzco

Durante o período de hegemonia do Tahuantinsuyu, os Incas usavam principalmente três entradas⁵ ou passagens que ligavam os Andes à Amazônia: ao norte de Huánuco; por Chachapoyas y Moyobamba; e através do rio Madre de Dios (Porrás Barrenechea 1961: 4), também chamado de Tono, Amarumayo e Magno.⁶

Segundo os cronistas que se dedicaram a descrever as expedições de Tupac Inca Yupanqui em direção ao Antisuyu, foi principalmente através do rio Madre de Dios que o imperador Inca penetrou na floresta amazônica na intenção de submeter as diversas etnias ali estabelecidas.⁷

(5) O uso da palavra *entrada* durante os séculos XVI e XVII tinha um duplo significado: 1. a ação de penetrar na floresta amazônica e 2. as passagens, através da cordilheira andina, usadas para expedições em direção à selva (Varese 2002: 38).

(6) Os Incas chamavam o rio Madre de Dios de Amarumayo (que na língua quechua significa Rio Serpente). Porém, o nome local nas línguas Tacano e Araona é Manu-Manu (Grande Rio), Manu-ena (Rio Mãe) e Manu-tata ou Mayotata (Rio Pai) (Evans 1903: 611, *apud* Pärssinen & Korpisaari 2003: 56).

(7) Apesar de os relatos sobre expedições Incas em direção ao Antisuyu mencionarem majoritariamente o rio Madre de Dios como a principal via de acesso, Sarmiento, Garcilaso, Maldonado e Anônimo mencionam Camata – através do rio Beni – como uma entrada alternativa de penetração à Amazônia. De fato, a entrada por Camata era menos inóspita do que por Opatari através do Madre de Dios.

De acordo com o cronista Sarmiento (1572), Tupac Inca Yupanqui iniciou sua jornada pelo rio Tono ao oriente de Cuzco, e conseguiu conquistar os Opataries (a cerca de 20 quilômetros de Cuzco), Mañaries, Manosuyu e os índios Chunchos.⁸ Após esses avanços Tupac Inca Yupanqui continuou descendo o mesmo rio, passando por grupos Chiponauas na confluência com o rio Beni (Pärssinen & Korpisaari 2003: 60), até chegar ao Paitite⁹ onde o imperador Inca teria deixado o que Sarmiento chamou de marcas de fronteira no local.

Mais tarde, Inca Garcilaso Garcilaso de la Vega (1609: 452) parece reforçar as afirmações de Sarmiento ao mencionar que foi Tupac Inca Yupanqui¹⁰ quem, depois de dois anos construindo barcos e após organizar dez mil homens, se embrenhou numa expedição imperial pelo rio Amarumayo. Ainda de acordo com o cronista (1609: 452-453), os Incas teriam saído de Cuzco com a intenção de alcançar a planície de Mojos¹¹ (ou *Musu* segundo Garcilaso) e

teriam conseguido chegar a 200 léguas da capital do império, o que corresponderia a mais ou menos 1000 quilômetros. De fato, essa distância sugerida por Garcilaso corresponde mais ou menos à distância entre Cuzco e o ponto onde o rio Beni passa a se chamar rio Madeira:

... *pasaran adelante y sujetaron otras muchas naciones hasta llegar a la provincia que llaman Musu, tierra poblada de mucha gente belicosa y ella fértil de suyo. Quieren decir que está 200 leguas de la ciudad de Cuzco* (1609: 453).

Além das fontes históricas tradicionais,¹² textos de outra natureza parecem reforçar as versões de Sarmiento e Garcilaso. Os eventos que tratam das conquistas incaicas no Antisuyu também foram registrados em khipus¹³ que posteriormente foram transcritos para o espanhol.¹⁴ Esses relatos de khipukamayoqs (aquele que *escreve* nos khipus) foram preservados por Capac Ayllu e dois de seus irmãos, todos os três descendentes de Tupac Inca Yupanqui. Também segundo esses textos, os Incas teriam avançado até a região de fronteira entre Bolívia e Brasil após a confluência entre os rios Madre de Dios e Beni. Note-se, porém, que a transcrição abaixo inicia o texto mencionando primeiro os locais e etnias mais distantes de Cuzco (Paucarmayo e Yscayssingas) e termina com aquelas mais próximas à capital do império. Esse fenômeno ocorre provavelmente pois, como se sabe, os khipus não necessariamente seguem uma ordem cronológica (Ascher & Ascher 1981).

(8) Opataries, Mañaries e Chunchos citados por Sarmiento são provavelmente três diferentes grupos da etnia Ashaninka, também conhecida como Campa ou Kampa, que em época Inca habitavam justamente a região ao norte de Cuzco (Varese 2002).

(9) Nas crônicas dos séculos XVI e XVII, Paitite refere-se à região dos Mojos bolivianos, principalmente a sua porção mais ao norte. Entretanto, além de designar uma região geográfica específica, em época colonial o termo ganhou novas dimensões e passou a ser sinônimo de El Dorado e Candire para os espanhóis.

(10) Guaman Poma de Ayala (1613) menciona que foi o sexto imperador, Inca Roca, e seu filho quem iniciaram a conquista do Antisuyu. Porém, Gisbert (1999: 90-91) sugere que isso ocorre graças à confusão originada pelo paralelo de dinastias Incas, segundo o qual, Maita Capac e Inca Roca corresponderiam historicamente a Pachacuti e Topa Inca Yupanqui.

(11) As planícies de Mojos (*Llanos de Mojos* em espanhol) compreendem uma vasta área delimitada ao norte pelos rios Acre e Abuña, a leste pelos rios San Miguel, Guaporé e Mamoré e a oeste pela cordilheira andina. Dentre os vários rios do sistema amazônico que fazem parte desse complexo, o rio Mamoré constituiu o principal deles (Calandra & Salceda 2004). Arqueologicamente, os Mojos se caracterizam como uma zona rica em caminhos suspensos, uma técnica criada por seus antigos habitantes para lidar com as cheias anuais. Para informações mais detalhadas sobre a arqueologia do Mojos, ver Erickson 2001 e Nodenskjold 1924.

(12) Betanzos 1576: 124; Cobo 1572: 142; Cieza de León 1553: 120; Guama Poma 1609: 83; Murúa 1616: 87 e Santa Cruz Pachacuti Yupanqui 1611, também relatam as entradas de Tupac Inca Yupanqui no Antisuyu. Entretanto, Garcilaso e Sarmiento são um pouco mais prolixos ao relatarem os episódios relacionados às tentativas incaicas de penetração na Amazônia.

(13) Khipus são instrumentos incaicos para registrar informações administrativas e também fatos históricos. Para mais detalhes sobre os khipus ver Ascher & Ascher (1981).

(14) Alguns desses textos, cujos originais se encontram no Archivo General de Indias, em Sevilla, foram publicados por Kiviharju & Pärssinen em 2004.

Luego entraron tres hermanos en la prouincia de los Andes y conquistó la prouincia de Paucarmayo, y Tomina hasta los yscayssingas. Y luego pasarón delante y conquistaron la prouincia de Opatari e Manari. Y luego conquistaron la prouincia de Yanpussi y luego la prouincia de Paucarguambo y Aualapi e Manupampa, y Chicoria adonde prendieron en batalla, campal a sus reyes llamados, Santa Guamaui, Vichincayna y Auariço (Capac Ayllu 1569).

Segundo o texto de Capac Ayllu citado acima, os Incas teriam conquistado Paucarmayo e Escayssingas, entretanto, sem especificar se seriam dois locais ou nomes de duas etnias. É através de um manuscrito de autoria do explorador espanhol Juan Alvarez Maldonado (1570: 48-49) que ficamos sabendo que Paucarmayo refere-se ao rio Madeira e que Escayssingas refere-se, muito provavelmente, aos Esse Ejas, uma etnia que até os dias atuais vive na região do baixo rio Madre de Dios.

O explorador Maldonado fazia parte de um grupo de espanhóis interessados em descobrir e colonizar significativas extensões de terras, principalmente aquelas com potencial de produzir riquezas (metais preciosos). Convencidos de que o El Dorado (ou o Paitite) estava localizado em algum lugar próximo às planícies de Mojos, dezenas de espanhóis se aventuraram rio abaixo na esperança de encontrar quantidades inimagináveis de ouro.¹⁵ Porém, devido à característica deveras inóspita da região de selva, a grande maioria dessas expedições fracassaram. Em 1567, após conseguir autorização para descobrir e povoar as terras ao norte de Cuzco sob o título de governador e capitão geral, Maldonado foi o primeiro europeu a conseguir navegar com sucesso todo o Amarumayo até o rio Madeira já na atual fronteira entre Bolívia e Brasil. Segundo o espanhol, os Incas não somente estabeleceram relações indiretas com as comunidades locais ali fixadas, mas como construíram duas fortalezas na região:

... y visto por el ynga quan poco poderoso era para contra ellos determino de comunicarse com el grand señor del paitite y por via de presentes y mando el ynga que le hiziesen junto al rrio paitite dos fortalezas de su nombre por memoria de que avia llegado alli su gente... (Maldonado 1570: 49).

Além de Maldonado e Sarmiento, Recio de León também relata uma fortaleza incaica ao descrever sua expedição em território Marquire, na fronteira com o que seria o Paitite:

Y aviendo llegado a esta provincia (dos Marquires), vi una maravillosa fortaleza, que dixeron auerla hecho el Campo de Hinga, para que quedase memoria de que su gente avia llegado hasta aqui, cuando entró conquistando esta tierra (Recio de León 1623, apud Pärssinen & Korpisaari 2003: 59-60).

O termo Paitite mencionado, frequentemente nas fontes históricas, parece representar os limites da fronteira oriental do Tahuantinsuyu e os grupos do extremo oriente do império que os Incas conseguiram conquistar se bem que apenas indiretamente. A exata localização do que os cronistas chamam de Paitite é até agora desconhecida. Porém, através da análise dos manuscritos que mencionam esse termo, Paitite provavelmente corresponde a uma das duas áreas: a primeira alternativa seria a moderna continuação do rio Beni após a confluência com o rio Madre de Dios e que segue em direção ao rio Madeira (Siiriainen & Pärssinen 2001); já a segunda hipótese é de que estaria na margem direita do rio Guaporé após sua confluência com o rio Mamoré (Tyuleneva 2003).¹⁶ Seja lá como for, muitos cronistas usam o termo como sinônimo de Mojos e mencionam também que havia mais de uma rota para se chegar ao Paitite: pelo rio Madre de Dios e pelo rio Mamoré. Segundo Alcaya

(15) Anônimo (1570: 38-42) relata algumas das principais expedições em direção à Amazônia organizadas pelos espanhóis entre 1539 e 1569.

(16) Curiosamente, em seu mapa etno-histórico Nimuendaju (2002) coloca o nome *Patiti 1769* onde o rio Guaporé encontra o rio Colorado, ao extremo norte da Serra dos Parecis no Brasil.

(1605), uma expedição com 8.000 soldados Incas teria saído da atual cidade boliviana de Santa Cruz de la Sierra e alcançado até o rio Manatti (atual rio Guaporé) onde o imperador Inca (Tupac Inca Yupanqui) teria construído uma ponte e passado para o outro lado (já no atual Brasil) onde se estabeleceu num reino chamado Paitite:

... poco más de cien leguas abaxo de estas ciudades [Santa Cruz] le passó sin pérdida de un yndio, porque ya los naturales le avian conocido, y de como no quería quedar en sus pueblos, le dieron ynfinidad de canoas, con que hiço su viaxe entre el Norte y el Oriente. Y llegando á outro rrio caudaloso, que en partes tienia legua de ancho, llamado Manatti, que corre al pie de otra larga cordillera, hiço con su gente vna puente de crizneja, después de haber considerado el sitio más aparejado, que tiene oy día vivo, renovándola cada año, que es lugar más angosto, que com una teja se pasa á la outra parte [que corresponderia ao lado oriental onde o Mamoré encontra o Guaporé, no atual Brasil], donde tiene puesto este gran Señor, por sello y señal de que comiença desde allí su Reyno, vn carnero de piedra (Alcaya, 1605: 133-134).

Alcaya não é o único a relatar a presença Inca em territórios significativamente distantes de Cuzco. Vários outros textos produzidos nos séculos XVI e XVII, que posteriormente foram coletados e publicados por Victor Maurtua em 1906, mencionam que a região do Paitite, supostamente conquistada pelos Incas, compreendia pelo menos parte da serra dos Pacaás Novos (Pärssinen & Korpisaari 2003: 61).

Como pode ser observado acima, as fontes históricas analisadas aqui parecem concordar com a versão de que Tupac Ynca Yupanqui e suas tropas teriam entrado no Antisuyu pelo norte de Cuzco através do rio Madre de Dios. Em seguida, após alcançarem a confluência com o rio Beni, os Incas teriam submetido as etnias locais (se bem que de forma indireta como veremos mais adiante) e construído duas fortalezas. Descendo o rio Madre de Dios, os Incas ainda teriam alcançado o rio Paucarmayo

(atual rio Madeira) e submetido grupos das planícies de Mojos. As tropas incaicas também teriam usado os rios Mamoré e Guaporé para chegar a mesma região de Mojos e Paitite que, por sua vez, incluiria parte da serra dos Pacaás Novos. Entretanto, apesar de todos os documentos analisados aqui indicarem esse panorama, caberia investigar se as evidências de natureza arqueológica reforçam ou não esta versão oferecida pelas fontes históricas.

Evidências arqueológicas incaicas no baixo rio Madre de Dios

A sugestão por parte de cronistas de que os Incas teriam chegado a aproximadamente 1.000 quilômetros de Cuzco através do rio Amarumayo poderia ser considerada como sendo bastante audaciosa visto que, em geral, acredita-se que os Incas não teriam estendido seus domínios em regiões tão longínquas ao oriente de Cuzco. Entretanto, pelo menos parte da versão dos cronistas encontra ressonância na recente descoberta de uma fortaleza Inca conhecida como Las Piedras localizada exatamente na confluência entres os rios Madre de Dios e Beni.

Com uma arquitetura tipicamente Inca, Las Piedras se caracteriza por um muro de cerca de 700 metros e um sistema de canais que sugerem que os Incas passaram um tempo considerável no local e que provavelmente planejavam instalar algum tipo de sistema administrativo na região. Recentes escavações sugerem que apesar de estar espalhada por aproximadamente dez hectares, Las Piedras era densamente povoada visto que uma grande quantidade de cerâmica foi encontrada em praticamente toda a área interna dessa estrutura defensiva. Por outro lado, quase nenhum material arqueológico foi encontrado até agora na área externa da fortaleza o que claramente indica que os habitantes de Las Piedras se concentravam dentro dos seus muros fortificados.

Dentre os cerca de 5.000 fragmentos cerâmicos escavados, a sua grande maioria é Amazônica. Entretanto, há também cerca de 35 fragmentos de aryballos e vasos keros típica-

mente Incas. Segundo os arqueólogos responsáveis pelas escavações em Las Piedras, 35 fragmentos podem parecer uma porção bastante pequena dentre 5.000, porém, os pesquisadores lembram que essa proporção é muito parecida com a fortaleza Inca Oroncota (localizada no sul da Bolívia) onde dentre 400 fragmentos cerâmicos, apenas 7 eram claramente Inca. As datações de Las Piedras indicam que o auge de sua ocupação ocorreu durante a segunda metade do século XV (Pärssinen & Korpisaari 2003: 62-71) justamente quando Tupac Inca Yupanqui realizou incursões na região.

A fortaleza de Las Piedras é uma prova concreta da presença Inca em territórios muito além de Cuzco. O fato de estar a cerca de 700 quilômetros da capital imperial parece ir ao encontro da versão das fontes históricas de que os Incas teriam chegado a aproximadamente 1.000 quilômetros de Cuzco. Apesar de até o momento não existirem evidências arqueológicas que comprovem que os Incas teriam avançado mais adiante de Las Piedras, até o rio Paucarmayo ou atual Madeira, não seria insensato sugerir que tendo Las Piedras como um posto avançado, os Incas poderiam facilmente usar os rios Beni e Madeira para alcançar territórios ainda mais distantes como, por exemplo, a região conhecida como Paitite e as tribos dos Esse Eja mencionadas nos textos analisados acima. Em realidade, estudos sobre as diversas fortalezas incaicas encontradas no sul da Bolívia demonstram que a construção dessas estruturas defensivas incaicas também funcionavam como postos avançados que facilitavam expedições de conquista em territórios ainda mais distantes. Essa tática fazia parte das estratégias expansionistas incaicas (Pärssinen & Siirainen 2003).

Se por um lado Las Piedras parece confirmar boa parte da versão das fontes históricas, de que os Incas de fato estavam atuantes na região do baixo rio Madre de Dios; por outro lado, sua presença isolada a aproximadamente 350 quilômetros da fortificação Inca mais próxima (Ixiamas, no sul da Bolívia) adicionada à escassez de vestígios arqueológicos de natureza Inca na região, sugerem que apesar de os Incas

terem tido sucesso na construção e manutenção de Las Piedras (o que certamente teria demandado a colaboração de grupos amazônicos), a presença incaica no baixo rio Madre de Dios teria sido relativamente limitada.

Apesar de representar uma evidência substancial da presença Inca ao oriente extremo de Cuzco, Las Piedras não nos informa sobre que tipo de relações e que grau de sucesso os Incas conseguiram estabelecer com os grupos étnicos locais. Dessa forma, além da análise e comparação de fontes históricas e arqueológicas, serão feitas algumas considerações breves sobre a natureza do império Inca a fim de compreender as formas de interação que o centro imperial cuzquenho estabelecia com as etnias periféricas e que implicações esse padrão incaico de dominação teria no caso de Las Piedras.

Império ou confederação?

Já há algum tempo que pesquisadores sobre a cultura Inca suspeitam que o conceito de império no sentido mais tradicional do termo talvez não seja o mais adequado para explicar a natureza e o funcionamento do Tahuantinsuyu (Rostworowsk 1988; Ramirez 2008).

Pesquisas realizadas sobre a interação entre centro e periferia têm desafiado a idéia clássica de que o Tahuantinsuyu se caracteriza menos como uma organização imperial altamente centralizada e onipotente, e mais como uma congregação de crenças em um culto estatal, caracterizado por um personagem central (o Sapa Inca) que viajava por diferentes centros de peregrinação onde ele ou seus representantes negociavam os termos de participação de etnias locais. A visão estereotipada de um Estado ultra centralizado, militarista e ávido por recursos reflete a tradição oral recolhida em Cuzco pelos espanhóis e que emanava de uma elite nativa. Porém, evidências tanto arqueológicas como históricas procedentes da periferia do Tahuantinsuyu e portanto sem o peso da influência de fontes majoritariamente produzidas sob as influências da elite incaica cuzquenha, retratam uma instituição muito mais diplomática, flexível e que frequen-

temente praticava o que se chamou de *flattery policy* ou política de presentes, no sentido mais amplo do termo (Ramírez 2008).

Em geral – apesar de episódios bélicos famosos na história da expansão do Tahuantinsuyu (por exemplo, as guerras contra os Chanca e Chimú) e de casos específicos em que chefes locais recusaram tentativas de aproximação pacífica – gerando uma situação de conflito – os Incas compreenderam que, ao invés do uso direto da força, a persuasão moral, flexibilidade e diplomacia eram melhores armas para a expansão de seus domínios (Ramírez 2008).

De modo geral, os Incas agiam de acordo com uma avaliação das etnias periféricas que levava em consideração alguns fatores como, por exemplo, o tamanho do grupo, grau de belicosidade, localização estratégica (próxima de recursos naturais interessante ao império), influência regional, entre outros. Os Piro (um dos grupos chamados de Antis pelos Incas), por exemplo, claramente representavam aliados importantes visto que agiam como uma espécie de mercadores com contatos com inúmeras tribos ao oriente de Cuzco. O estabelecimento de relações amigáveis com os Piro significava que os Incas poderiam mais facilmente contactar e submeter uma grande diversidade de grupos étnicos. Por outro lado, famosos por sua belicosidade, grupo Chiriguano do sul da Bolívia representavam uma ameaça constante ao império visto que por várias vezes tentaram invadir territórios incaicos (Nordenskiöld 1917). A política usada pelos Incas para lidar com os Chiriguano pode ser compreendida através de uma rede de fortalezas Incas ao sul da Bolívia (Oroncota, Cuzcotoro, Incahuasi, Incapirca, Samaipata e Incallacta) que funcionava como uma extensa barreira de proteção aos ataques desses grupos da família Guaraní.

Até mesmo o cronista Inca Garcilaso de la Vega – conhecido por propagar a idéia de que a situação andina pré-incaica era de barbárie e selvageria, somente pacificada com a ascensão de Manco Capac – descreve a necessidade de diplomacia por parte dos Incas ao tentar estender seus domínios às planícies de Mojos:

Y que prometían gobernarse por ellas y adorar al sol por su principal dios, mas que no querían reconocer vasallaje al Inca pues que no los había vencido u sujetado com las armas. Empero que holgaban de ser sus amigos y confederados y que, por vía de amistad, harían todo lo que conviniese al servicio del Inca, mas no por vasallaje: que ellos querían ser libres como habían sido sus pasados (Garcilaso: 1609: 453)

Como pode ser observado na citação acima, apesar da tentativa de submeter os habitantes dos Mojos, os Incas se viram forçados a estabelecer uma relação muito mais baseada na reciprocidade do que na completa submissão. Exemplos desse tipo de dinâmica baseada na troca de presentes era comum nos quatro cantos do império e não somente no Antisuyu.

Várias eram as formas que os Incas usavam para persuadir chefes locais a se submeterem ao domínio incaico: a troca de presentes; a troca de mulheres, quando o Inca oferecia alguma de suas irmãs ou mulheres escolhidas (*acllas*) aos chefes locais ou então aceitava a irmã ou a filha de um chefe local como uma de suas esposas secundárias; a promessa de proteção contra grupos considerados belicosos como, por exemplo, os Chiriguano; as negociações entre o poder central incaico e os chefes locais que poderiam receber o status de Incas de privilégio por meio de méritos extraordinários. Essas eram as formas de aproximação iniciais que os Incas usavam ao contactar um grupo periférico. Caso determinado grupo local recusasse qualquer tipo de contato, os Incas avaliavam a importância desse grupo e poderiam ou não acionar outros métodos de coerção, inclusive não pacíficos.

Em resumo, a análise da história do desenvolvimento e expansão do império Inca demonstra que ao contrário de um império monolítico, homogêneo e autoritário, o Tahuantinsuyu é melhor compreendido como um mosaico cultural¹⁷ em que o poder central

(17) Ramírez menciona que em 1532 os Incas exerciam domínio sobre mais de 80 grupos étnicos ao longo dos quatro suyus do império (2008: 9).

cuzquenho negociava com chefes locais as formas de participação que, a grosso modo, variavam entre direta e indireta (Covey 2000). Em geral, os Incas somente adotavam uma estratégia bélica quando confrontados com casos extremos de rejeição à qualquer tipo de associação ao império.

O que nos interessa aqui é que conquistas indiretas não teriam gerado necessariamente vestígios materiais suficientes que, mais tarde, poderiam servir como evidências arqueológicas da presença Inca. O Tahuantinsuyu era um império (ou talvez o termo confederação seja mais adequado) muito mais hegemônico (em que a hegemonia não passava obrigatoriamente pela presença direta e territorial) do que territorial. Ou seja, ao invés de ter que capturar uma comunidade atrás da outra, os Incas apenas precisavam conquistar o chefe local de um *señorio*, sem necessariamente ocupar fisicamente seus territórios. Como demonstração de amizade o chefe local e seus súditos deveriam respeitar o Sapa Inca, adorar a Inti (a divindade Inca maior que na língua quechua significa Sol) e enviar *mitimaqs* (trabalhadores temporários) aos Incas. Em contrapartida, o Inca permitia que seu novo aliado permanesse como o chefe local sem grandes modificações administrativas locais (Pärssinen & Korpisaari 2003: 33), que pudessem posteriormente ser registradas arqueologicamente.

Em resumo, visto que nos casos de dominação indireta através da política de presentes os Incas não impunham transformações locais significativas, não seria insensato considerar que a presença Inca na amazônia ocidental não seria necessária e exclusivamente evidenciada através de vestígios materiais abundantes de natureza Inca.

Por exemplo, se comparada com a porção amazônica do império, a costa peruana representou um território de muito mais fácil acesso para a expansão imperial Inca. Mesmo assim, o controle indireto de etnias por parte do poder central em Cuzco era extremamente comum na costa do Tahuantinsuyu, onde, em muitos casos, os Incas deixaram pouquíssimos vestígios materiais de sua presença (Siiriainen & Pärssinen 2001: 48).

Nesse caso, apesar de sua natureza parcial e por vezes contraditória e vaga, a análise crítica das fontes históricas passa a ser um instrumento ainda mais essencial para o historiador da cultura Inca. Não se trata de uma hierarquização ou preferência por determinados tipos de fontes em detrimento de outras e muito menos de uma rejeição de evidências arqueológicas, mas apenas o reconhecimento de que, nesse caso muito específico da história Inca, elas podem não ser determinantes para um diagnóstico conclusivo sobre o domínio Inca no baixo Madre de Dios.

Considerações finais

A questão da presença Inca no baixo rio Madre de Dios continua aberta e a espera de futuras pesquisas de naturezas diversas. Através da arqueologia podemos dizer com segurança que os Incas conseguiram construir pelo menos uma fortaleza (que também funcionava como um posto avançado) na região. Já através da análise histórica, é possível sugerir com certa segurança que a grande maioria das conquistas incaicas no baixo rio Madre de Dios era de natureza indireta, baseadas muito mais na reciprocidade e que não causavam transformações locais significativas. De fato, o registro arqueológico cerâmico majoritariamente amazônico de Las Piedras parece reforçar esse caráter indireto das conquistas incaicas no Antisuyu.

Nesse caso específico, a análise arqueológica isolada não daria conta de explicar a situação incaica no baixo rio Madre de Dios. Somente através da análise comparativa entre os vestígios arqueológicos incaicos com as fontes históricas sobre a área em questão é que podemos ter uma visão mais completa das formas de domínio que os Incas praticavam na Amazônia Ocidental.

Para que se possa continuar a construir um panorama um pouco mais completo sobre a expansão do império Inca em regiões periféricas, faz-se necessário, quando possível, uma aproximação essencialmente multidisciplinar que leve em conta simultaneamente a análise

crítica das fontes históricas e sua comparação com fontes de natureza arqueológica.¹⁸ Além disso, faz-se necessário também o estudo comparativo entre regiões diferentes do Tahuantinsuyu com a intenção de perceber um pouco melhor a natureza do comportamento expansionista incaico nos quatro

suyus do império. Somente assim – por meio da multidisciplinaridade e do estudo comparativo entre regiões diferentes do Tahuantinsuyu – poderemos continuar a construir uma história Inca menos cuzcocêntrica e, portanto, uma história Inca um pouco menos parcial e mais rica.

MARTINS, C.B. Andes and Amazonia: Inca history and archaeology in the lower Madre de Dios River. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 19: 273-283, 2009.

Abstract: By analyzing both historical and archaeological data this article aims to investigate the Inca presence in the lower Madre de Dios River. Whilst archaeological evidence suggests that Inca presence in the region was rather limited, historical documents indicate that the Incas were relatively successful when submitting local groups, although it was only achieved by indirect control.

Keywords: Incas – Western Amazonia – Madre de Dios River.

Fontes citadas

ANÔNIMO

1906 [1570] Relación de los descubrimientos pretendidos y realizados al oriente de la Cordillera de los Andes. Maurtua, V. M.

Juicio de límites entre el Perú y Bolivia. Prueba peruana presentada por Victor M. Maurtua. Tomo IX, Mojos (Tomo primero), Madrid: 37-42.

(18) Adicionalmente, há também outro tipo de fonte que tem o potencial de oferecer dados importantes para a construção da história pré-colombiana entre Andes e Amazônia: comparações entre mitologias entre terras altas e baixas e, mais especificamente, entre Incas e Antis. De fato, comparações dessa natureza sugerem que terras altas e baixas compartilhavam (e compartilham) inúmeras histórias e mitologias que aproximam mais ainda esse povos e de certa forma, reforçam a versão oferecida pelas fontes históricas.

Em um texto sobre os mitos Toba e Pilagá, Métraux (1946) traça paralelos entre temas mitológicos encontrados na região do Chaco e os da área andina. Métraux aproxima o mito da longa noite com as histórias encontradas no manuscrito de Huarochirí, o único texto da área andina escrito totalmente em quechua e que narra as batalhas entre os seres míticos Viracocha e Huallallo Caruíncho. Métraux observa também que o

mito da revolta dos utensílios descrito no manuscrito de Huarochirí é encontrado também entre os Chiriguanos. Lévi-Strauss também advoga para uma maior atenção à constelação de mitos ameríndios que poderiam (re) aproximar Andes e Amazônia. Por exemplo, em *Antropologia Estrutural* (2008b: 119), o autor sugere que analogias e aproximações entre as culturas que se desenvolveram nas duas áreas iam além da organização dualista e do culto ao jaguar. Ao analisar os mitos Toba e Pilagá – estudados previamente por Métraux – Lévi-Strauss chega a sugerir paralelos entre o mito da serpente do corpo repleto de peixes e dois vasos andinos: um Nazca e um segundo da cultura Pacasmayo (2008a: 294-295). Além de Métraux e Lévi-Strauss, outros autores (por exemplo, Brotherton 1992 e Fabian 1998) também se dedicaram a esse tipo de investigação que traça paralelos entre mitologias das terras altas e baixas.

- ALCAYA, D.F.
1906 [1605] Informaciones hechas por Don Juan de Lizarazu sobre el descubrimiento de lo Mojos. Relación del Padre Diego Felipe de Alcaya, cura de Mataca. Maurtua, V. M. *Juicio de límites entre el Perú y Bolivia. Prueba peruana presentada por Víctor M. Maurtua*. Tomo IX, Mojos (Tomo primero), Madrid: 124-144.
- ALVAREZ MALDONADO, J.
1899 [1567] *Relación de la jornada y descubrimiento del río Manu (hoy Madre de Dios)*, Sevilla.
- BETANZOS, JUAN DE
1996 [1576] *Narrative of the Incas*. Translated by Hamilton, R. and Buchanan, D. Austin, University of Texas Press.
- CAPAC AYLLU
2004 [1569] Memoria de las Provincias que conquistó Topa Ynga Yupangui padre de Guaina Capac Ynga con sus hermanos. Pärssinen, M.; Kiviharju, J. (Orgs.) *Textos Andinos. Corpus de textos khipu incaicos e coloniales*. Instituto Iberoamericano de Finlandia & Universidade Complutense de Madri.
- CIEZA DE LEÓN, P.
1985 [1553] *La Crónica del Peru. Las Guerras Civiles Peruanas*. Madrid, Momumenta Hispano-Indiana.
- COBO, B.
1979 [1653] *History of the Inca Empire. An Account of the Indian's Customs and their Origin together with a Treatise on Inca Legends, History, and Social Institutions*. Austin: University of Texas Press.
- GARCILASO DE LA VEGA, I.
2005 [1609] *Comentarios Reales de los Incas*. México: Fondo de Cultura Económica.
- GUAMAN POMA DE AYALA, F.
1980 [c.1613] *El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*. México: Siglo Veintiuno.
- JUAN DE SANTA CRUZ PACHACUTI
1995 [1611] *Relación de Antigüedades de Este Reino del Perú*. Edición, Índice Analítico y Glosario de Carlos Aranibar. Lima, Fondo de Cultura Económica.
- MÚRUA, M.
1987 [1616] *Historia General del Perú*. Edición de Manuel Ballesteros. Madrid, Crónicas de América, Historia 16.
- SARMIENTO DE GAMBOA, P.
2007 [1572] *The History of the Incas*. Austin: University of Texas Press.

Referências bibliográficas

- ASCHER, M.; ASCHER, R.
1981 *Code of the Quipu. A Study in Media, Mathematics, and Culture*. Ann Arbour: The University of Michigan Press.
- BARRENECHEA, P.; BELAUNDE, V. A.
1961 *El Peru y la Amazonia*. Lima: Delfar.
- BERTAZONI, C.
2007 *Antisuyu: An Investigation of Inca Attitudes to their Western Amazonian Territories*. Tese de Doutorado, Department of Art History and Theory, University of Essex.
- BROTHERSTON, G.
1992 *Book of the Fourth World. Reading the Native Americas through their Literature*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BURGER, R.
1992 *Chavín and the Origins of Andean Civilization*. London: Thames and Hudson.
- COVEY, R.A.
2000 Inka Administration of the Far South Coast. *Latin American Antiquity*, 11 (2): 119-138.
- ERICKSON, C.
2001 Pre-Columbian Roads of the Amazon. *Expedition*, 43 (2), 2: 21-30.
- FABIAN, S.M.
1998 Waiting to tie the knot: thoughts on structural similarities between Bororo and Inca. *Journal of the Steward Anthropological Society*, 26 (1/2): 19-36.
- GISBERT, T.
1999 La Serpiente Amaru y la Conquista del Antisuyu: Una Historia Alternativa. Gisbert, T. (Ed.) *El Paraíso de los Pájaros Parlantes. La Imagen del Otro en la Cultura Andina*. La Paz, Plural, Universidad Nuestra Señora de La Paz: 5-95.
- LATHRAP, D.
1970 *The Upper Amazon*. London: Thames & Hudson.
- 1963 Los Andes Centrales y la Montaña: Investigación de las Relaciones Culturales entre la Montaña Peruana y las Altas Civilizaciones de los Andes

- Centrales. *Revista del Museo Nacional*, Lima: 197-202.
- LÉVI-STRAUSS, C.
 2008a A serpente do corpo repleto de peixes. *Antropologia Estrutural*. São Paulo, Cosac & Naify: 293-296.
 2008b A noção de arcaísmo em etnologia. *Antropologia Estrutural*. São Paulo, Cosac & Naify: 113-131.
- MÉTRAUX, A.
 1946 Tribes of the Eastern Slopes of the Bolivian Andes. In: Steward, J. (Ed.) *Handbook of South American Indians*. Washington D.C., Smithsonian Institution: 465-506.
- NIMUENDAJU, C.
 2002 *Mapa Etno-Histórico*. Rio de Janeiro, IBGE.
- NORDENSKIÖLD, E. Von
 1917 The Guaraní Invasion of the Inca Empire in the XVI. An Historical Indian Migration. *Geographical Review*, 9: 103-121.
 1924 *The Ethnography of South America Seen from Mojos in Bolivia. Comparative Ethnographical Studies*, 3. Gothenburg.
- PÄRSSINEN, M.; KORPISAARI, A. (Eds.)
 2003 *Western Amazonia. Amazônia Ocidental. Multidisciplinary Studies on Ancient Expansionist Movements, Fortifications and Sedentary Life*. Renwall Institute Publications 14. University of Helsinki.
- PÄRSSINEN, M.; SIIRIAINEN, A.
 2003 *Andes Orientales y Amazonía Occidental*. Maestría in Historias Andinas y Amazónicas, UMSA & Colegio Nacional de Historiadores de Bolivia, La Paz, Producciones Cima.
- RAMÍREZ, S.
 2008 Negociando el imperio: el Estado Inca como culto. *Bulletin de L'Institut Français d'Études Andines*, 37 (1): 5-18.
- ROSTWOROWSKI, M.
 1988 *Historia del Tawantinsuyu*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos.
- SIIRIAINEN, A.; PÄRSSINEN, M.
 2001 The Amazonian Interests of the Inca State. *Baessler-Archiv*, Band 49: 45-78.
- TELLO, J.
 1960 *Chavín. Cultura Matrix de la Civilización Andina*. Lima: Universidad de San Marcos.
- TYULENEVA, V.
 2003 La Leyenda del Paititi: Versiones Modernas y Colonias. *Revista Andina*, 36: 193-208.
- VARESE, S.
 2002 *Salt of the Mountain. Campa Asháninka History and Resistance in the Peruvian Jungle*. Oklahoma: University Oklahoma Press.

Recebido para publicação em 14 de setembro de 2009.